

# HERMENÊUTICA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO INTERPRETATIVA

Evandro Ghedin - (Feusp/UEA)<sup>1</sup>

## Resumo

Trabalho de pesquisa de cunho teórico-metodológico que procura investigar, na literatura hermenêutica, possibilidades de fundamentação e orientação de caminhos investigativos à área da Educação. A partir da compreensão da hermenêutica como desvelamento interpretativo procura identificá-la na perspectiva da interpretação e desvelamento do mundo falsificado e mistificado nas relações de poder. A partir dessa postura inicial busca-se na hermenêutica os fundamentos para o processo de investigação nas Ciências Humanas. Afirma que o compreender realizado com consciência metodológica não deve tender simplesmente a levar a termo as próprias interpretações, mas também a torná-las conscientes para poder verificá-las e assim alicerçar a compreensão sobre o próprio objeto a interpretar. Assume-se a epistemologia hermenêutica como paradigma reflexivo e entende que é a partir da compreensão e da interpretação que se busca métodos explicativos, que não são só explicativos, mas compreensivos. O trabalho conclui que a hermenêutica fornece instrumentos importantes que o método puramente analítico e o método dialético não pressupunham. À idéia de totalidade, existe um elemento novo apresentado no jeito novo de pensar a questão do método. O método não é uma explicação exterior, o método não é simplesmente um instrumento, não é apenas procedimento de tipo técnico. Não é apenas um caminho mecânico que permitiria ser trilhado através do uso de algumas regras. Isto abre três perspectivas metodológicas na hermenêutica: como história das idéias, como tradição epistemológica e como especulação.

## Abstract

Research work theoretical-methodological that investigate, in the hermeneutics literature, possibilities to basis and to guide the investigative way of education area. Understanding the hermeneutics as an interpretive act, try to identify it in the interpretation perspective and disclosure of the falsified world and mystified in the power relationship. From this initial posture on we search in the hermeneutics the basis of the investigation process of Humans Cienecies. Affirm that the understanding realized with methodological conscientiousness do not ough to tend merely to take into account the owns interpretations, but also to become it conscious to bottom he comprehension about the object to be interpreted. Assume the hermeneutics episthemology as a reflexive paradigm, understanding that the concept of comprehension, explanation and interpretation every research work, and the realization of a research work it's the result of the process of reality explanation, comprehension and interpretation. Is understanding that's from this point on we can search explanatory methods, that aren't only explanatorty, but comprisable. The work concludes that the hermeneutics supplys importants instruments which the analytic and the dialectic methods do not presuppose. To the idea of totality, there is a new element appeared in the nem way to think the method. The method is not a expressed explanation, is not merely an instrument, is not only a technical proceeding. Is not only a mechanical way tracked through the using of some rules. This open three methodologicals perspectives in the hermeneutics: like ideas history, like epistemological tradition and like speculation.

## 1. UMA COMPREENSÃO DA HERMENÊUTICA E O DESVELAMENTO INTERPRETATIVO

A hermenêutica pretende recolher o sentido do discurso. Até que ponto é possível ou através de que se pode captar e recolher o “sentido do discurso”? A hermenêutica situa-se na existência da linguagem, é nela e por ela que se processam os significados. Porém a linguagem não

---

<sup>1</sup> O autor é professor na Universidade do Estado do Amazonas e doutorando em Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP. Publicou: *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. Editora Cortez, 2002 (em parceria com Selma Garrido Pimenta e outros) e *A Filosofia e o Filosofar*. Editora Uniletras, 2003.

é o único instrumento de manifestação da existência, isto é, o discurso é *uma* forma de manifestação do ser, mas nem por isso é a única maneira de manifestação da realidade. O discurso que se processa por meio da linguagem está carregado da própria realidade que o gera, neste sentido, o ser da linguagem e o ser como linguagem já é, em si mesmo, um sentido dado pelo discurso.

Seria a hermenêutica um discurso do discurso? Um meta-discurso? Ou, por outro lado, seria uma metodologia eficaz para captar o sentido e o significado de nosso ser-no-mundo? Longe de pretender responder à estas indagações vamos querer mostrar algumas idéias nas quais a hermenêutica situa-se como instrumento que nos permite clarear os horizontes de significados impostos pela força do próprio questionamento da realidade.

Mais do que tudo, a hermenêutica é este esforço humano de compreender a sua própria maneira em que compreende. Ela se processa na direção do sentido que significa a própria existência humana no mundo. Este horizonte, que não é imaginário, mas a busca de compreender como o ser humano significa a si próprio e a realidade que se coloca diante dele. O pensar da hermenêutica é uma busca da razão das significações do ser.

Transformamos a natureza em cultura; a cultura em conhecimento e agora estamos projetando, pelo conhecimento, os significados da natureza que estão impressos no ser. Isto não é um círculo que se fecha, mas um horizonte que se abre diante dos olhos que captam a imagem e, através dela, sentificam aquilo que vêem. O discurso é um modo de traduzir a imagem do real, mas esta imagem traduzida não é a própria realidade, mas a fala dela. É aí que a hermenêutica se torna interessante e necessária pois por ela que podemos compreender como o ser humano, estando no mundo finito e desesperado, arrisca-se na direção do infinito e da esperança.

O modo de ser no mundo é uma maneira de interpretá-lo e esta interpretação é uma tentativa de dar-lhe sentido que faça compreender-nos como parte dele. A negação desta potencialidade da interpretação é, no fundo, uma negação do próprio ser e é nela que se fundamenta a exploração humana. Os interesses interpretativos divergem pelo fato de que a visão do mundo e de mundo não é uma só. Ela não é uma justamente porque os interesses são muitos e estes interesses forjam interpretações que lhe sejam favoráveis naquilo que lhes é interessante.

O mundo não passa de uma enfadonha interpretação escondida por detrás do medo de existir e de arriscar a própria existência na direção do nada e do infinito. Dizendo de outro modo, o mundo é uma interpretação mentirosa que se esconde num sistema humano que funciona como explorador dos medos e dos traumas de toda a humanidade. Criamos deuses por termos deixado de acreditar no ser humano, este é nosso “pecado original”. Nós não “pecamos contra Deus”, nós traímos a nossa humanidade e deixamos de lado o que verdadeiramente somos: mundanos, humanos, históricos.

A negação da mundanidade é uma forma de negação da própria hominização<sup>2</sup>. Isto é bom para todos os sistemas social-político, econômico, religioso, cultural, pois é neste “engano originário” que consome, como vítimas em sacrifício, toda a humanidade.

A falsificação do real, através da interpretação, não passa de uma forma de exploração política-ideológica. As muitas interpretações são as múltiplas faces originárias da exploração. Nenhum sistema subsiste sem uma falsificação. As interpretações dos fatos são formas de falsificar o real e dar-nos como fato “verdadeiro”. É nesta origem que se fundamenta, no subterrâneo do ser egocêntrico, a origem de todos os males humanos. De certo modo, isto se reproduz no conhecimento, na ciência, na técnica, na política e no domínio escrachado que se processa nas formas de poder.

Nietzsche (1974) nega a existência do “fato” em detrimento da interpretação. Na verdade, o fato, é já uma interpretação do evento. O “fato” é a forma como interpretamos o “evento”. O evento é ontológico, o fato é interpretação barateada do evento. É nesta direção que se processa a alienação por meio do discurso ideológico. Toda ideologia é falsificadora da realidade pois oculta e revela aspectos do real que lhe são mais interessantes. A ideologia, através do discurso, tem o poder de falsificar a realidade, de dominá-la, de domesticá-la, juntamente com toda a humanidade.

---

<sup>2</sup> Termo que designa e expressa a noção do humano produzir-se, produzindo Cultura e sendo por ela produzido, que não pode ser confundido com *humanização*, que é um conceito ético que indica o processo de criar condições de vida mais dignas para as pessoas como um todo (Cortella, 1998).

O sentido do mundo que emerge no seio do ato de interpretar é o resultado da vontade de domínio. O instinto cognitivo é o instinto da propedêutica e da assimilação: ele produz os valores, ou seja, aquilo que satisfaz as necessidades, os desejos e os interesses dos centros de interpretação. Conhecer significa avaliar quais são as configurações que são necessárias e quais as que são prejudiciais. Num mundo a devir a realidade é sempre e só uma simplificação com fins práticos que deforma e falsifica o eterno fluxo do caos relacionando as diferenças do devir como idêntico, à semelhança e à analogia que permite o cálculo, a previsão e a tolerância do devir.

O devir é uma “pré-visão” interpretativa da vontade de domínio. É uma antecipação para que quando aconteça, a realidade, já esteja, pela antecipação, interpretada. Este juízo e esta interpretação antecipada permite a forja do significado e a transfiguração do próprio fato que é significado, segundo os interesses, antes mesmo de seu evento. Digamos que o “mundo” econômico-político seja especialista nesta antecipação do significado do evento que ainda não é dado, isto é, não se fez “fato”. Se isto corresponde a realidade, enquanto interpretação, tudo é um “pré-juízo”, “um pré-julgamento”, uma “compreensão” antecipada na interpretação do devir.

A interpretação, político-econômico, é falsificadora da realidade. É uma forma de simplificação que tem como fim impor uma dada interpretação de mundo que justifica as ações do próprio sistema. Através dela é que se processa toda a dominação e o poder de domínio. Nada mais cômodo para alguém que fazer valer *sua* visão de mundo diante do próprio mundo. Isto é uma falsificação do mundo pois, faz dele o resultado do poder de significá-lo a partir de uma só maneira. Este poder de significação, pelos meios do próprio sistema, impõe a hegemonia interpretativa da realidade. A voz do sistema é a voz da falsificação do real é a “visão de mundo” que se estruturou de tal forma que se tornou “senso comum”. A comunilidade<sup>3</sup> da interpretação, especialmente esta do sistema, é um engano intencional simulacrado pelo poder da imagem.

É claro que esta é uma maneira de interpretar a interpretação, mas há uma significativa diferença: esta interpretação nega a hegemonia da anterior, não para se tornar hegemônica numa *outra* vontade de poder, mas para poder negar o poder de domínio e de exploração da hegemonia do econômico, posta na interpretação do sistema.

A luta, neste sentido, não é um recurso desesperado, mas nossa única esperança de superação da vontade sobre todas as vontades, da liberdade de alguns sobre todas as outras vontades. Na verdade, nesta circunstância, não há como ser livre, pois, só é possível a liberdade de poucos e uma liberdade limitada ao poder não é liberdade, mas escravidão. O caminho da liberdade passa pela negação desta forma de ser do mundo. Há que negar esta visão de mundo com outras formas de vida, com outras interpretações que nos lancem de volta, na direção do *ser* humano e não na direção do *ter* humano, ou ter o humano.

O caminho da libertação é o caminho da negação. Não há como construir um mundo novo nas velhas estruturas interpretativas. A busca da liberdade só se sedita na negação da opressão. Se, estando claro que o mundo é uma interpretação humana, somente uma outra interpretação pode ter o poder de concebe-lo de outro modo. O mundo humano é *filho* de nossa concepção interpretativa. Ele é uma construção arquitetada na consciência do ser humano. Ele é o que temos sido, a imagem de nós mesmos projetada num espelho que analisamos, com o conhecimento, a ciência, a técnica, como se fosse a própria realidade. O real não é a imagem refletida no espelho mas o próprio espelho e o sujeito que se vê como imagem de si. Olhamos a imagem como se fosse o que somos e nos esquecemos que a imagem é apenas o reflexo do ser.

Vivemos um mundo de aparências e impedimos de vermo-nos a nós mesmos e a nossa vida. É por isso que temos tanto medo de sair deste “mundo da caverna” pois estaríamos, secamente, diante do que somos. O ser humano não é capaz de encarar-se na sua animalidade. O mundo interpretado com a única voz do sistema político-econômico nada mais é do que uma forma “racionalizada” de animalidade que devora suas vítimas na fome do ter e do consumo.

O processo econômico mundial, nos moldes do presente, não passa de uma hegemonia da possibilidade de construção generalizada da proposta de consumo para aqueles que não podem consumir. Esta é a miopia do sistema político-econômico. Pretende o consumo, mas não percebe

<sup>3</sup> Termo que quer fazer referência a uma determinada visão que se tornou senso comum num determinado grupo beirando o dogmatismo radical na interpretação das idéias, dos fenômenos, dos fatos, da ciência e da sociedade como um todo.

que não é possível consumir nesta proporção, pois seria consumir-se no esgotamento ecológico do planeta.

O mundo humano, enquanto capacidade interpretativa, é um mundo infinito, mas a realidade ecológica do planeta onde se constrói esta humanidade é extremamente limitado e finito, tanto quanto a vida do indivíduo. Não há como fugir desta realidade. Pela criatividade o ser humano superou a animalidade e produziu a cultura. Pela linguagem, na sua falsificação interpretativa, destruiu a criatividade. À volta a criatividade é o caminho da liberdade, mas como romper com esta obscuridade posta diante de nossa visão? A transgressão é a única possibilidade de instaurar uma nova interpretação do mundo e uma outra significação da existência que nos permita superar a animalidade do sistema escravocrata.

Somos todos escravos da animalidade do sistema por olharmos somente as imagens refletidas no espelho. Mas o que há por trás do espelho? Se estamos apenas olhando a imagem refletida no espelho, o que é o espelho? O que se esconde por trás dele? É necessário quebrar o espelho para ver o que se esconde para além da aparência. Se o espelho for o sistema político econômico, dominador e escravista, quebre-se o sistema para se ver o que há por trás da imagem refletida.

É necessário romper com a imagem para superar sua aparência e nesta superação poder ver a concreticidade de nosso ser, seu limite e suas possibilidades. Há, no interior do espelho, um mundo que multiplica-se a si mesmo. É esta multiplicação do mesmo que nos impede de ver o real. Para ver o real é necessário romper com o espelho, quebrá-lo, esmigalha-lo para que seja apenas real e não o reprodutor imagético das aparências de uma visão de mundo falsificadora.

A verdade falsificada na interpretação do sistema é a verdade velada da falibilidade do próprio sistema. Por isto é tão importante quebrar com os padrões, pois é neles que a exploração se reproduz. Esta reprodução aconteceu e acontece até nas formas mais “revolucionárias” que se produziram historicamente. O sistema se transforma para adaptar-se e se adapta para continuar ocultado um processo animalesco de exploração. Somos todos vítimas queimados em sacrifício no caldeirão do sistema. A religiosidade do ter exige o sacrifício do ser e isto significa a aniquilação da humanidade ou sua redução animalesca à esquisofrenia e à patologia desta religião. Neste sentido tudo é adaptável, pois tudo é interpretável.

É importante lembrar que o mundo humano é um caminho só de ida, mas as curvas do caminhar nos permitem ocultar e revelar outros horizontes, outras interpretações, outros mundos. O problema não é ter uma visão de mundo, o grande problema é ter *um único* sistema político-econômico que exerce sua hegemonia sobre todos. Mas não é só isso, a problemática é que as mais variadas interpretações existentes são apenas variações do mesmo. Romper com isso é a árdua tarefa da Filosofia contemporânea que se revela como reflexão hermenêutica.

## **2. A HERMENÊUTICA COMO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS**

Como construir a partir da teoria hermenêutica uma metodologia e um discurso interpretativo da realidade e do contexto onde se dá a pesquisa em educação?

Estamos, o tempo todo, diante do texto (enquanto fala e discurso do outro) e do contexto (enquanto realidade circundante) ao mesmo tempo que nos fazemos e somos tocados pela dinâmica da realidade que nos esforçamos para compreender. Na verdade somos parte dela tanto quanto ela passa a fazer parte de nossa existência. Somos tocados pela realidade pesquisada do mesmo modo que pretendemos tocar nela para saber o que é. Ou ainda, se isso for possível, buscamos “tocar” com as mãos uma realidade que está prenhe de significados que não se revelam imediatamente diante de nosso olhar, por mais atento que estejamos.

Estamos sempre diante de uma realidade problemática e complexa, do mesmo modo que precisamos “objetivar” para poder “captar” o real. Mas a realidade não se mostra, por vezes se oculta em imagens inatingíveis. De certo modo, conhecer é entregar-se à realidade de forma que ela nos atinja e nos envolva a ponto de nos tornarmos parte dela. Assim, procuramos compreender as coisas que nos são incompreensíveis a primeira vista. O limite de nossa busca não está nas interpretações teóricas que encaminham muito bem a “objetivação” do real, mas no caminho – na

metodologia – mais adequada para captar os significados que estão postos, não por objetos, mas por sujeitos que significam e ressignificam o mundo e sua realidade a cada instante.

A partir de uma abordagem hermenêutica poderíamos dizer que o *texto* é a mensagem, a fala, o discurso dos sujeitos; o contexto do texto passa a ser o contexto social-político-econômico-cultural-vital dos sujeitos que fazem a experiência do processo educativo, como uma formação crítica ou como alienação. O universo das significações se dá num contexto concreto, mas como captar o discurso (enquanto modo de dizer e interpretar o mundo) do ser-aí?

De certo modo o pesquisador é o interprete da realidade que se expõe diante dele. Ele está cheio de realidades, teorias e experiências que se defrontam com outras realidades, teorias e experiências que são constitutivas de uma determinada visão de mundo que implica o processo de investigação. Assim, se poderia dizer que o pesquisador possui uma pré-compreensão do real, mas só a relação que se estabelece entre os sujeitos possibilita uma outra compreensão. É esta pré-compreensão que nos possibilita a racionalização de um determinado tema de pesquisa.

O real nos atrai como uma espécie de *empatia* entre ambos, pois é isto que desperta o interesse e a possibilidade de realização do que se estabelece como estudo e seu posterior entendimento. O pesquisador é uma espécie de interprete da realidade ou do contexto que está diante dele; que se expressa na alteridade dos sujeitos e nas diferenças existentes entre os diversos contextos.

A realidade educativa é um conjunto de relações que estão postas entre sujeitos que vivenciam o cotidiano. As trocas simbólicas se constroem numa constante intesubjetividade que está, o tempo todo, jogando e circunscrevendo relações de poder. Neste jogo de experiências cotidianas é que se (des)constroem as vidas dos educandos e nele se decide o destino da sociedade futura. O poder se desmitifica pela análise e pela crítica radical de suas raízes. O pesquisador há de dirigir o olhar para as profundezas das relações para ler o que está escondido por trás das aparências e não ficar apenas no reflexo da superficialidade.

A linguagem é um instrumento poderosíssimo que possibilita a intercomunicação, mas acima de tudo, ela pode, no ambiente escolar se constituir – pelo pensamento – um instrumento não só de dominação, mas de resistência cultural e política. A linguagem é um poder que aliena e que pode ser um instrumento de liberdade e de libertação do processo de alienação em curso.

Olhar para o real com os óculos de pesquisador é investigar como estas coisas estão postas e estabelecidas no cotidiano da escola. Nisto, o processo interpretativo, permite um conjunto de instrumentos que potencializa e amplia enormemente a percepção do real.

O pesquisador procura compreender um dado contexto recortado do real e, por causa disto, a margem de erro se amplia. Pois a possibilidade de erro é ampliada na medida em que o real não pode ser captado infinitamente com uma possibilidade finita de conhecer. Além disso, as pressuposições que não encontram confirmação no sujeito aumenta ainda mais a margem de erro. Porém, a compreensão de tudo o que se tem para compreender consiste na elaboração de um projeto preeliminar que é e será revisto continuamente com base no resultado da “penetração” anterior no real. Deste modo o contexto emerge progressivamente na sua alteridade. Descobrimos o que o contexto diz e a diversidade de nossa mentalidade, ou a distância de nossa cultura, somente partindo daquelas “atribuições de sentidos” que contribuímos, a partir da nossa pré-compreensão, do desvelamento e do desocultamento do real que se opõe diante de nosso ser.

A compreensão do real é dificultada pelo fato de que a realidade é um todo complexo de relações que só se pode ser compreendida, na forma de “redução”, no seu recorte, no isolamento, percebendo que tal realidade só possibilita a sua investigação, justamente no conjunto de sua complexidade relacional. O mérito do trabalho investigativo é o de poder expressar, pela parte reduzida do enfoque, a totalidade de relações expostas e, muitas vezes, ocultas no cotidiano.

Isto impõe limites que exigem, cada vez mais, uma busca que se volte para o todo, mesmo que isto implique, ainda, um determinado recorte. Não é o recorte que reduz o real, mas o limite metodológico que “impomos” como possibilidade de “recortar” para conhecer. O recorte é sempre um risco assumido justamente no seu limite. Seu risco consiste justamente na questão de querermos tornar evidente o todo por meio da parte que o compõe.

Neste sentido, o processo de conhecimento exige metodologias que possam nos possibilitar, mesmo no recorte, uma abrangência maior no nosso modo de “captar” a realidade que se nos põe diante dos sentidos e da reflexão.

Quem quer compreender a educação há que estar preparado para deixar que ela nos diga alguma coisa. Uma consciência que interpreta deve ser sensível a alteridade, não só dos sujeitos, mas dos contextos. Essa sensibilidade não pressupõe “naturalidade” objetiva nem esquecimento de si mesmo, mas implica uma precisa tomada de consciência das próprias pressuposições e dos próprios pré-juízos. É preciso ter consciência que o contexto, apesar de estar interrelacionado com outros contextos, se apresenta, sempre, em suas diferenças e tenha a possibilidade de fazer valer o seu conteúdo de verdade em relação as pressuposições do intérprete.

As pressuposições e os pré-juízos do pesquisador não devem amordaçar a realidade, o contexto onde se insere. O pesquisador não deve silenciar o real, mas permitir e possibilitar que ele fale por intermédio do pesquisador e da própria pesquisa. O pesquisador deve ser sensível a alteridade do contexto onde se insere. Ele não fala só, mas utiliza uma linguagem pela qual fala a própria realidade. O pesquisador deve falar para escutar o contexto, isto é, deve propor um “sentido” melhor e mais adequado do que o outro, para que o real se manifeste sempre mais em sua alteridade, com o que realmente é. Deste modo, um compreender realizado com consciência metodológica não deve tender simplesmente a levar a termo as próprias antecipações, mas também a torná-las conscientes para poder verificá-los (ou questioná-la) e assim alicerçar a compreensão sobre o próprio objeto a interpretar.

Isto exige que o tema da pesquisa seja assegurado com base no próprio objeto. Trata-se de manter longe tudo o que pode nos impedir de ouvir a realidade de modo adequado. São os pré-juízos de que não temos consciência os que nos tornam surdos para a voz do contexto.

O contexto é um elemento ocasional. O autor não é o seu produto. Ele tem efeitos sobre a história posterior, efeitos que os sujeitos não prevêem e não imaginaram para suas ações. O contexto é ocasional no sentido de que é uma ocasião especial em que o pesquisador procura olhar o real esperando que a própria realidade lhe “fale”. A fala do real se processa num contexto de relações que se produzem e se multiplicam infinitamente. Cada sujeito, no seu contexto, estabelece um número ilimitado de relações que não é possível prever num primeiro olhar. Estas relações, devidamente investigadas, é que se tornam significativas para o pesquisador. Isto se torna matéria prima que possibilita uma interlocução com as significações que se dão ao mundo a partir das relações que estão postas na visão de mundo do sujeito que se quer conhecer.

Nem o sujeito que pesquisa, nem o sujeito a ser pesquisado são resultados mecânicos de um contexto. Diria que revelam uma série de relações que lhes possibilitam compreender o mundo e a si mesmos de uma forma ou de outra. Estas compreensões é que se tornam significativas para a pesquisa. É exatamente neste ponto que a hermenêutica pode se constituir numa significativa metodologia capaz de permitir uma leitura que contempla, de forma mais totalizante, a realidade. Ou melhor, utilizando-se a hermenêutica como método é possível buscar uma compreensão que possa partir de uma dada particularidade e chegar-se a sua universalidade a partir das relações que estão postas pelos sujeitos da realidade a investigar.

Cabe aqui a seguinte pergunta: como construir um caminho que nos permita traçar os passos que possibilitem a construção e a sistematização de uma realidade a ser investigada? É o que tentaremos *anunciar* em seguida.

### 3. A EPISTEMOLOGIA HERMENÊUTICA COMO PARADIGMA REFLEXIVO

Os fatos humanos são significativos por causa da riqueza de significado que se atribui às coisas; o que importa nos fatos humanos não é a causa mas sua significação, seus objetivos e seu valor, o sentido só é possível dentro desta perspectiva, isto é, só há sentido quando se atribui significações que sejam significativas para aqueles que significam as coisas as quais lhe atribuem sentido e significado. O ser humano procura compreender e explicar o mundo. A compreensão é resultado de uma explicação que se dá para as coisas humanas e não humanas. Isto nos indica que a explicação, antes da própria compreensão, é a tradução da realidade num significado que tenha sentido e se processe por uma determinada linguagem, ou signos lingüísticos que nos permitam e possibilitem uma comunicação compreensiva do real.

O mundo humano é significativo ao nos tornarmos hábeis em explicá-lo; nesta explicação é que se fundamenta a possibilidade de compreensão do que somos ou do que projetamos ser sobre

nós mesmos, neste rolo de significações e de sentidos atribuídos a nosso ser no mundo. Porém, o sentido não se esgota em si mesmo, ele se reveste da complexidade da realidade, isto é, ele se desdobra em outros sentidos e multiplica a sua riqueza significante. Neste sentido, só é possível interpretar o que possui mais de um sentido. É a variabilidade dos sentidos que nos possibilita uma interpretação e uma significação das atribuições de sentidos que se dão às coisas.

O sentido e sua interpretação nos remetem na direção da compreensão e da explicação. Estes não podem ser concebidos como processos separados, mas como dois pólos que se complementam dialeticamente. Compreender significa explicar o sentido das significações atribuídas à realidade das coisas e do mundo. Seja qual for o método ou a maneira utilizada, é próprio do ser humano significar e, através da interpretação, compreender toda a complexa realidade que nos envolve. Para compreender o sentido de nossos atos é preciso passar pela explicação. A compreensão é resultado, inacabado, de um processo de explicação.

A compreensão e a interpretação subjazem a todo trabalho realizado, isto é, a realização ou resultado de um trabalho de pesquisa na área das Ciências Humanas é o resultado de um processo de explicação, compreensão e interpretação da realidade. Porém estes aspectos do trabalho não são estanques em si mesmos e nem se excluem, mas constituem modos de olhar a realidade que são interdependentes. O real nos fala através destes modos os quais usamos para saber o porquê das coisas, o porquê do mundo e o porquê somos. A partir da compreensão e da interpretação é que se busca métodos explicativos, que não são só explicativos, mas compreensivos, ao demonstrar determinada interpretação de uma outra interpretação.

A distinção entre compreender e explicar, entre ciências humanas e ciências naturais é o resultado de um processo de construção do conhecimento e das formas e metodologias de conhecimento, oriundas de um processo positivista da construção das ciências. A compreensão para a qual estamos caminhando vai na direção do entendimento de que ambas as ciências se constituem na relação dialética entre compreender/explicar. Distinguir o processo explicativo do processo compreensivo é continuar dicotomizando a realidade e os modos que nos possibilitam significá-la e entendê-la. A realidade se explica porque se quer saber e a compreensão não é um estágio final deste processo, mas é meio para que as coisas, o mundo e nós mesmos saibamos o que somos.

Dicotomizar compreensão de explicação é sacramentar um processo de separação entre o ser humano e a natureza, enquanto que ambos são constitutivos de uma mesma realidade. O mundo no qual ambos se encontram inseridos e imersos é tão somente o mesmo. A busca do presente se atira na direção de uma conjugação, de um caminho que possa mostrar as encruzilhadas e permitir, ainda, o caminho numa determinada direção. O saber partilhado significa a partilha do mundo, de sua explicação e de nossa compreensão de seu significado.

Do ponto de vista das ciências humanas, a interpretação é um enriquecimento da compreensão imediata de sentido pela explicação da distorção semântica. Compreensão e explicação se articulam dialeticamente para possibilitar a interpretação dos fatos humanos.

Nosso modo de ser no mundo é condicionado pela ciência, isto é, a nossa maneira de existir é, fundamentalmente, marcada pela maneira como a Filosofia e a Ciência percebem o mundo. A ciência e a tecnologia têm tributado autoritariamente as nossas vidas, ou seja, a compreensão das ciências e da tecnologia tem sido posta como a visão de mundo e da realidade, impondo-se sobre todas as maneiras de compreender e de conhecer as coisas. Isto tem marcado o mundo humano por uma visão mecânica, pragmática e empirista de si mesmo. Nessa perspectiva, o modelo de ser humano tornou-se aquele que é capaz de manusear os conhecimentos traduzidos em técnicas. Este é o primeiro passo, no plano ideológico, para um processo de alienação do e no interior do capitalismo.

Porém, a ciência é uma atividade social e a finalidade do conhecimento produzido por ela destina-se à sociedade e não a uma elite ou a um grupo de “especialistas”. Neste sentido a ciência só se justifica enquanto está a serviço dessa sociedade e com ela discute as implicações de suas proposições, compreensões, explicações e interpretações. A ciência é um caminho possível, mas não é a única visão possível para compreendermo-nos como seres no mundo.

A via racional (empírico-tecnológica) não pode ser a única visão válida na interpretação de nosso ser no mundo. Isto vale na medida em que a ciência, através de seu modo de conhecer, fragmenta a realidade de tal modo que oculta, na parte, o todo. Nesta mesma direção, em nome da ciência, separa o ser humano da natureza, do seu mundo natural, nega a relação mundana para

impor um “mundo de mercado”, troca as relações de harmonia por relações mercantis. Isto é uma propriedade do campo político, mas que se expressa de alguma forma também nas ciências.

Santos (1989) explica que o impacto do desenvolvimento científico tecnológico faz com que o mundo humano, hoje, seja cientificamente constituído. O conhecimento científico da sociedade permite compreender o sentido da explicação do mundo ‘natural’ que as ciências naturais produzem. Por outras palavras, as ciências sociais proporcionam a compreensão que dá sentido e justificação à explicação das ciências naturais. Sem tal compreensão não há verdadeira explicação e, por isso, as ciências sociais são epistemologicamente prioritárias em relação às ciências naturais.

O movimento da modernidade foi na direção das ciências naturais; na “pós-modernidade”, faz-se necessário um movimento na direção das ciências sociais, filosóficas e humanas. Recolocar o ser humano no centro, mas não um ser humano distanciado de si e dos outros, dicotomizado do mundo da natureza, mas sim um ser que retorne à sua originalidade, a sua hominização ao encontro com o mundo da natureza. A modernidade negou a natureza do ser humano para poder dominar a natureza das coisas; ao fazer isto negou a si mesmo a relação originária que existia entre “homem-natureza”.

Neste ponto, estamos na polémica que nos coloca diante da busca de um novo paradigma para as ciências, na tentativa de superação de um modo de fazer ciência que não corresponde mais às respostas que precisamos em nosso tempo, do mesmo modo que não nos permite problematizar, com liberdade, o mundo que se encontra à nossa volta.

Nas ciências humanas não é permitido tomar distância em relação ao seu objeto, como exige o método das ciências naturais. A objetividade, a neutralidade e o distanciamento do sujeito em relação a seu objeto, pretensão das ciências naturais, torna-se alienação se aplicados no estudo dos fenômenos humanos. O distanciamento não permitiria conhecer o objeto em toda a sua riqueza, no seu contexto histórico. A razão é que o cientista dos fatos culturais, pertencendo tanto ele como seu objeto estudado a uma determinada tradição, só terá acesso adequado a seu objeto, se dele não se afastar, se permanecer dentro desse universo em estudo. Se nosso pesquisador, neste trabalho, tomasse uma atitude de distanciamento, estaria ele falsificando seu estudo. Para Gadamer (1997), seria um distanciamento alienante, pois haveria um rompimento da relação primordial de pertença, sem a qual não se respeitaria a relação do histórico enquanto tal.

A exigência de objetividade e de neutralidade isolam as variáveis estudadas de seu contexto histórico, provocando uma atitude de distanciamento do sujeito em relação a seu objeto estudado. No estudo das ciências humanas é muito difícil separar o sujeito de seu objeto pesquisado. É próprio das ciências humanas essa íntima ligação entre sujeito e objeto.

Para Ricoeur (1990:54), *“O distanciamento não é o produto da metodologia... ele é constitutivo do fenômeno do texto como escrita; ao mesmo tempo é a condição para que possa haver interpretação”*. Aqui faz-se necessário uma distinção: uma coisa é a realidade a ser pesquisada enquanto realidade de interesse do pesquisador, que demonstra todas as suas relações, o contexto por onde transita o sujeito que pretende conhecer; outra é a realidade do pesquisador que senta diante do computador ou de uma folha em branco e, com as informações obtidas em campo, procura fazer uma leitura e uma releitura desta realidade através das impressões e das informações obtidas em “campo”, isto é, uma situação é a realidade em seu âmbito contextual e outra é o contexto do autor que produz um texto sobre as observações que fez acerca da própria realidade da qual faz parte. Há uma imbricação entre todos estes elementos. Diríamos que há uma cumplicidade entre a realidade, o autor e o texto produzido como resultado de um processo de investigação da realidade pelo autor.

O que resulta de um trabalho de pesquisa é uma forma de ver e de perceber a realidade a partir de um olhar particular, mas que não deixa de revelar e demonstrar um contexto bem mais amplo que permite a realidade evidenciar-se através do pesquisador. *“A hermenêutica permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas esse discurso não se dá alhures: ele se verifica nas estruturas da obra e por elas. Conseqüentemente, a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso, comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte”* (Ricoeur, 1990:52).

Todo discurso tem a pretensão de atingir a realidade e exprimir o mundo. Refere-se a algo, a um mundo sobre o qual está falando. A fala do discurso é a expressividade da realidade a qual se



pretende conhecer. O discurso produzido é produto de um determinado contexto que fala através do pesquisador. Não só o discurso pretende atingir a realidade como também a própria realidade nos atinge pelo discurso. Isto quer dizer que a realidade nos toca diretamente quando procuramos tocá-la. É esta relação de cumplicidade e imbricamento que nos permite conhecer as coisas que estão a nossa volta e que, simultaneamente, estamos em volta delas. Os discursos se referem sempre a uma dada realidade, podem ser falseados, mas nunca são uma espécie de ficção posta diante de nós como se fosse realidade.

Interpretar é explicar o tipo de ser-no-mundo, manifestado diante do texto. Esse mundo do texto não é aquele da linguagem cotidiana, que fala das coisas dadas, mas o mundo poético que propõe possibilidades novas do existir. Porém, só é possível propor possibilidades quando o nosso discurso nos permite uma interpretação de nosso ser-no-mundo, isto é, só é possível captar a realidade em seu contexto na proporção em que este contexto nos lança na direção de nós mesmos, na compreensão do que somos e do sentido do ser. Sem tal busca todo e qualquer discurso se torna vazio e desnecessário.

Não é possível realmente conhecer o que nós somos sem passar por aquilo que fazemos. A crítica de Marx, Freud e Nietzsche mostraram as ilusões do sujeito (Rouanet, 1990). Para compreendermo-nos a nós mesmos é preciso dar uma volta, fazer um desvio através do que depositamos nas formas simbólicas, nas obras ou textos. Neste sentido, entramos num campo tortuoso e polêmico que é o campo das ideologias e, por isso mesmo, se torna interessante, não só por sua abordagem, mas pela necessidade que se percebe de sua crítica (Franco, 1995).

Segundo Ricoeur (1990:59), *“a crítica das ideologias é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe-se formar pela coisa do texto, e não pelos preconceitos do leitor”*. O que deve estar no centro de toda compreensão não é o sujeito intérprete mas o próprio texto. E a realidade que gera a possibilidade de sua explicação, compreensão e interpretação.

Só haverá interpretação verdadeira quando for criado um certo distanciamento frente a essa cultura onde estamos plantados. Para compreender o que nós somos é preciso introduzir sempre uma atitude de suspeita que produz uma determinada separação entre não só o sujeito e o texto, mas também uma cisão dentro do próprio sujeito. O distanciamento não é somente alienante nas circunstâncias acima apontadas, mas é também a condição de possibilidade de toda e qualquer compreensão e interpretação autênticas.

Em sua proposta metodológica, Paul Ricoeur começa do lugar do sujeito existente, da revolução epistemológica kantiana que põe o acento no sujeito e se livra de qualquer estreiteza objetivista. Porém, isto não significa dizer que a objetividade não seja uma necessidade. Ao contrário, isto nos livra dos enganos do objetivismo como única possibilidade de conhecimento das coisas. O que vai ser posto por ele é a possibilidade de se chegar à objetividade das coisas por meio das subjetividades dos sujeitos.

Em Ricoeur a síntese é sempre adiada, aparece apenas como horizonte, como uma idéia-limite. A realidade é sempre um horizonte em aberto, do mesmo modo que o conhecimento e seu processo são possibilidades de vislumbrar esta potencialidade infinita das coisas. Ignorar isto é o mesmo que negar a realidade como movimento.

Ricoeur defende, com todos os fenomenólogos, que é possível sair da estreiteza objetivista. O olhar do sujeito, sua intenção, determina a realidade. Mas Ricoeur reconhece também que há algo nos chamados fatos objetivos da ciência. O que ele busca, sem voltar a um objetivismo fenomenológico, é uma crítica do que pensa ser uma ilusão subjetiva, em que o ego se prende em certa circularidade consigo mesmo. O ego precisa reconhecer e se inspirar nos pólos objetivos para poder sair de si próprio. Porém, esta saída é ilusória, pois apenas se objetiva a própria subjetividade. Para ele, o símbolo provoca o pensamento, isto é, o mistério estimula a vida e a Filosofia. Isto só pode ser afirmado pelo fato de que esta simbolização processa-se nos modos de compreensão que se situam na subjetividade humana.

Já Habermas (1987) vai acentuar a importância do papel da razão e dos conceitos de suspeita e interesse pela emancipação. A hermenêutica dele é chamada hermenêutica crítica exatamente porque se caracteriza pela desconfiança em relação ao que acontece na linguagem e por uma proposta de saída da alienação em direção a uma maior emancipação das pessoas.

Para Habermas (1987), ao contrário de Gadamer (1997), nossa comunicação do dia a dia se dá numa linguagem que sistematicamente distorce os fatos que comunicamos. Ele vai buscar um método que seja capaz de dar conta tanto dessas distorções instaladas em nossa linguagem cotidiana quanto do processo emancipatório das pessoas. Seu método dialético crítico está ligado à Filosofia de Marx. O que há de novo é a associação do método da psicanálise para estudar os fenômenos sociais.

Segundo Paul Ricoeur (1990: 125-129), Habermas recorre constantemente ao paralelismo entre psicanálise e teoria das ideologias. Esse paralelismo repousa sobre os seguintes critérios:

1. Vindo de uma tradição marxista, considera que a distorção é constantemente vinculada à ação de uma autoridade, que gera a violência. A “*censura*” constitui o conceito chave, de origem política. Na linguagem de Habermas, o fenômeno da dominação produz-se na esfera da ação comunicativa; é nela que a linguagem é distorcida em suas condições de exercício, no plano da competência comunicativa. Porém, uma hermenêutica que se restringe à dimensão da linguagem encontra nela o seu limite e não compreende a relação entre trabalho, poder e linguagem.

2. As distorções da linguagem não provêm de seu uso, mas da relação de poder que ela implica. O envolvimento entre linguagem e poder nem sempre é percebido pelos membros da comunidade. Esse desconhecimento é específico do fenômeno da ideologia. Na esfera das ciências sociais críticas, Habermas fala de uma “pseudocomunicação” ou de “*compreensão sistematicamente distorcida*”, por oposição à simples não-compreensão.

3. Se o desconhecimento é insuperável pela via dialogal direta, a dissolução das ideologias deve tomar atalho de procedimentos explicativos, e não mais simplesmente compreensivos.

A crítica é a teoria da competência comunicativa que engloba a arte de compreender, as técnicas para vencer a não-compreensão e a ciência explicativa das distorções. A crítica das ideologias implica que coloquemos como idéia reguladora, adiante de nós, o que a hermenêutica das tradições concebe como existindo na origem da compreensão. Aqui entra em jogo o interesse pela emancipação. É esse interesse que anima as ciências sociais críticas. A auto-reflexão é o conceito correlato do interesse pela emancipação.

Precisamos situar toda crítica das ideologias sob o signo de uma idéia reguladora: a de uma comunicação sem limite e sem coação. A idéia reguladora é mais dever-ser do que ser; mais antecipação do que reminiscência. É essa idéia que confere sentido a toda crítica porque só há dessimbolização para um projeto de ressimbolização, e só há tal projeto na perspectiva revolucionária do fim da violência. Uma escatologia da não-violência constitui o horizonte filosófico último de uma crítica das ideologias.

Para Ernildo Stein (1996), os aspectos positivos que Habermas atribui à hermenêutica consistem no fato de que a hermenêutica é capaz de descrever as estruturas da reconstituição da comunicação perturbada; a hermenêutica está necessariamente referida à práxis; a hermenêutica destrói a auto-suficiência das ciências do espírito, assim como em geral elas se apresentam; a hermenêutica tem importância para as ciências sociais ao demonstrar que seu domínio objetivo está pré-estruturado pela tradição e que elas mesmas, bem como o sujeito que compreende, têm seu lugar histórico determinado; a consciência hermenêutica atinge, fere e revela os limites da auto-suficiência das ciências naturais; uma esfera de interpretação alcançou atualidade social e exige a consciência hermenêutica, a saber, a tradução de informações científicas relevantes para a linguagem da vida social.

Por outro lado, os limites da hermenêutica estão nos modos de compreensão da hermenêutica, movendo-se no domínio da comunicação da linguagem ordinária. Por isso, ela perde sua competência nas esferas onde as proposições ultrapassam o domínio da linguagem ordinária. A hermenêutica também não é competente onde não apenas a comunicação, mas a própria linguagem está perturbada; a linguagem em cujo contexto as perturbações de comunicação deveriam ser trabalhadas.

A hermenêutica filosófica é um método ou representa um quadro ou se constitui num paradigma que pretende ser universal, isto é, pretende apresentar-se como uma filosofia que busca uma compreensão totalizante que possa entrar em discussão com outros paradigmas, afirmando apresentar algumas respostas para as questões que outros paradigmas apresentam.

O importante na hermenêutica é que ela tenha uma pretensão de universalidade, que seja um paradigma de discussão já assumido por diversos campos nas ciências humanas e constitua-se, a partir disto, num método de investigação.

A despeito de ser mais do que justificado o estabelecimento de um certo distanciamento entre o sujeito que pesquisa e seu objeto em estudo, parece, contudo, não menos importante frisar, mais uma vez, a impossibilidade, no campo da filosofia e ciências humanas, de separar totalmente o sujeito e seu objeto, por estarmos sempre mergulhados, histórica e culturalmente, nos fenômenos que estudamos. Entre o fenômeno humano e o sujeito não pode haver esse afastamento quase total como preconizam as ciências naturais.

Na Filosofia e nas Ciências Humanas, tanto o sujeito como o objeto estão referidos ao todo. O conhecimento sempre se dá de forma circular. E esse círculo pretende se referir ao todo. Compreendendo e interpretando os fenômenos humanos, relacionados ao sistema global das relações, compreendemos e interpretamos a nós mesmos dentro desse mesmo todo; e, ao compreender e interpretar a nós mesmos estamos produzindo um saber, um entendimento sobre os fenômenos em estudo. Por isso, Ernildo Stein (1996: 61) diz que *“compreender é um compreender que se constitui como totalidade, porque é um compreender do mundo não como um continente de conteúdos, mas de um mundo que é a própria transcendência. Este mundo, ao mesmo tempo, somos nós e projetamos sobretudo o que deve dar-se. Assim, vai se formar a chamada estrutura da circularidade, isto quer dizer, na medida em que já sempre estamos no mundo e, ao mesmo tempo, projetamos o mundo. Estamos envolvidos com os objetos do mundo e descrevemos o mundo no qual se dão os objetos”*.

Por isso Heidegger (1988) vai dizer que nós nunca somos transparência pura. Pois desde sempre estamos no mundo, fomos jogados no mundo, chegamos sempre tarde: depois do começo do jogo; só então começamos a compreender. Se nós projetarmos o que queremos ser, nosso projeto é sempre a partir de uma determinada situação concreta e esse projeto é continuamente refeito, a partir de tudo o que nos sobrevem.

Na Filosofia e nas Ciências Humanas, *“o modo da interrogação é determinado exatamente por aquilo que se quer saber e não pelos recursos técnico-operacionais que se possa pôr em prática. O fundamento do método fenomenológico está dado, sobretudo, por aquilo que se busca compreender (...). Querer saber o que é e como é algo são os dois elementos que estão na base de uma investigação, e podem ser traduzidos num só, a saber: a pergunta pelo ser de algo, do que está em questão. O ser de algo é sempre composto pelo o que algo é e como ele é”* (Stein, 1996: 46). Os instrumentos do método podem ser importantes, mas serão sempre secundários em tais investigações.

Nosso acesso às coisas do mundo se dá sempre como totalidade. O compreender não existiria se não se compreendesse o contexto. Esta é a grande questão: pensar as condições de possibilidades de uma relação entre sujeito e objeto, em que o sujeito e objeto não se separam inteiramente. Porque na relação sujeito-objeto que aparece na frase, percebemos o que está ali, mas só entendemos porque antes já sempre compreendemos o que significa pronunciar uma frase, isto é, o sentido sempre se dá, se estatela e se recompõe em relação ao todo. Por isso, se tanto nas ciências humanas como na Filosofia (nas ciências Hermenêuticas) há método, o sentido desse termo não é unívoco mas análogo (Basso, 1998).

O discurso sempre fala de alguma coisa que está fora dele; portanto, o discurso nos obriga a olhar para fora do sistema lingüístico, para esse algo de que ele fala. O discurso, enquanto um evento, sempre tem um sujeito que atualiza as estruturas virtuais do código lingüístico: o sujeito que profere o discurso.

Essa dimensão sincrônica, recortada e estática no tempo, própria das ciências empírico-matemáticas, faz com que a leitura, por exemplo de um texto da física e química da Idade Média, não traga nada de novo para o prosseguimento dessas ciências no futuro: são elementos museológicos.

Para Ernildo Stein (1996: 88-89), *“os textos das ciências humanas são textos que nunca têm um caráter museológico, assim como os textos da filosofia também não têm. Os textos da filosofia ou de ciências humanas não valem nada se não forem lidos em diversas épocas e não valem nada se não forem, de alguma maneira, superados pela interpretação e pela produção de textos que se referem a eles e pretendem apresentar a verdade daqueles textos de uma maneira*

*nova. Isso vai de tal modo longe que se pudéssemos fazer ficção de um texto de ciências humanas acabado, um texto de filosofia perfeito, esse seria um texto morto. Porque seria um texto modelar que não se precisa mais ler, um texto que nunca mais apresentaria nada de novo e um texto que também não produziria outros textos pela interpretação, porque seria perfeito”.*

Os textos hermenêuticos nunca tomam forma definitiva. O sentido é continuamente desconstruído, criado e reconstituído em novas estruturas. *“Portanto existe um processo que comanda o sentido ou que está envolvido com o processo do sentido na história, sociologia ou em outras áreas de humanas”* (Stein, 1996: 89).

Nas ciências humanas sempre existe um resto que nos escapa num momento determinado, que num outro momento poderá se mostrar, pois temos que considerar também o sujeito que estuda determinados objetos das ciências humanas. A sua articulação com este resto, que escapa, constitui-se parte da singularidade do texto. Esta singularidade significa, em primeiro lugar, o fato de o texto ter um autor determinado, ser redigido numa língua determinada, aparecer numa época determinada. Esses elementos da singularidade fazem com que um texto de história, sociologia ou psicanálise, tenha sua marca e esta esconda em si uma particularidade ou uma singularidade que represente um limite para a sistematicidade, a universalidade e a necessidade.

A questão do sujeito/objeto nas ciências humanas tem a ver com a da singularidade/universalidade dos textos, ou da particularidade/sistematicidade. A interpretação substitui, aqui, uma análise lógica e semântica, justamente pelo fato de a interpretação pretender perceber melhor a diferença entre particularidade e sistematicidade. Esse movimento é muito importante – perceber que a singularidade incorpora a particularidade na própria interpretação, mas de tal maneira que a singularidade não seja isolada e separada da sistematicidade e que elas resultem num tipo de totalidade

Esse imbricamento que sempre existe entre sujeito e objeto, no confronto de um *“texto a ser interpretado, constitui exatamente o imbricamento dessa singularidade com a sistematicidade e de uma sistematicidade que não é só do texto, mas é do leitor. A universalidade se redime no texto pela interpretação. Ela será redimida pelo método. Ai é que está a questão. Como o método com que trabalhamos nas ciências humanas é capaz de dar conta da universalidade que está contida no texto?”* (Stein, 1996: 90).

Nas Ciências Humanas o sujeito não pode ser completamente distanciado do seu objeto porque nelas, ao contrário das Ciências Naturais que só se interessam pelo universal, é preciso perceber tanto a sistematicidade quanto a singularidade. A relação sujeito-objeto é fluida e, muitas vezes, a pessoa se modifica pelas descobertas que faz e modifica a percepção do mundo exterior.

O distanciamento não é produto das metodologias e algo de acrescentado e de parasitário. Ele é constitutivo do fenômeno do texto como escrita; ao mesmo tempo, também é a condição da interpretação. Estamos em condições de descobrir, entre objetivação e interpretação, uma relação muito menos dicotômica e muito mais complementar daquela que havia sido instituída pela tradição romântica.

Somente o discurso visa as coisas, aplica-se à realidade, exprime o mundo. É o “aqui” e o “agora”, determinados pela situação do discurso, que conferem a diferença última a todo discurso. Não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade. Neste sentido, interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo, manifestado diante do texto. A teoria da “compreensão” não está mais vinculada à compreensão de outrem, mas torna-se uma estrutura do ser-no-mundo. O momento do “compreender” responde dialeticamente ao ser em situação, como sendo a projeção dos possíveis mais adequados ao cerne das situações, onde nos encontramos. O que deve ser interpretado é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios.

Hermenêutica e crítica das ideologias não são realidades opostas. A crítica das ideologias é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe-se formar pela coisa do texto, e não pelos preconceitos do leitor. Em todos os níveis de análise, o distanciamento é a condição da compreensão.

Não temos ainda, até hoje, um modo de desenvolver a informação, a interpretação, a pesquisa, na área das ciências humanas, sem que de uma ou de outra maneira não tenhamos que nos remeter a textos (Stein, 1996).

A hermenêutica não deixa de ser crítica em relação a suas análises. Pelo contrário, fornece instrumentos importantes que o método puramente analítico e o método dialético nem sonhavam, nem pressupunham de modo algum. Resumido à idéia de totalidade, existe um elemento novo apresentado no jeito novo de pensar a questão do método. O método não é uma explicação exterior, o método não é simplesmente um instrumento, não é apenas procedimento de tipo técnico. Não é apenas um caminho mecânico que permitiria ser trilhado através do uso de algumas regras.

No conceito de método, a hermenêutica se amplia muito, justamente como consequência dessa idéia de totalidade e talvez por isso possamos falar de um certo caráter especulativo da hermenêutica, que nos possibilitaria três procedimentos na investigação:

- *Primeiro*, podemos falar do método hermenêutico propriamente dito no sentido restrito, enquanto história das idéias. Uma espécie de história conceitual. É necessário reconhecer que o nosso conhecimento da história das idéias é muito limitado. Existe essa possibilidade (ou limite) e a necessidade desse cuidado conceitual, esse cuidado na pesquisa das idéias, a história das idéias, a história dos conceitos, é muito importante porque significa um exercício em função daquilo que vamos falar. Assimilar um discurso, um código mais ou menos determinado para dizer as coisas numa área de humanas ou da filosofia é uma necessidade para que possamos compreender melhor o objeto sobre o qual nos debruçamos.

- Um *segundo* aspecto do método é o da tradição epistemológica. Trata-se do que poderíamos chamar do contexto da descoberta e do contexto da justificação. Fixamos determinados objetos de investigação e de reflexão, temos a possibilidade de descrever historicamente e de analisar o sentido ligado à atualidade da situação. Descreve-se o contexto de como as coisas vão se mostrando, sem prestar atenção a uma atividade de justificação lógica daquilo que observamos. Só num segundo momento, olhamos então para o contexto da justificação, procurando uma fórmula lógica para aquilo que fomos observar no contexto da descoberta. Esses dois elementos vão se completando naquilo que praticamente chamamos, justificadamente, o elemento epistemológico e que é aplicado nas ciências humanas em geral, sem referi-lo ao outro contexto da história dos conceitos.

- O *terceiro* caminho denomina-se de caminho da especulação. A especulação conduziu grande parte das ciências em direção a objetivos inteiramente novos. Ela foi importante na própria investigação de objetos. Ela foi a produtora de uma riqueza enorme do ponto de vista das descobertas científicas. Certamente a especulação é o outro aspecto do método. Temos estes três caminhos que poderiam se unir do ponto de vista metodológico.

Essa direção tripartite do caminho da investigação, proposto acima, trata-se de uma relação com uma espécie de capacidade de percepção e de desenvolvimento, pela reconstrução e interpretação, uma espécie de espessura no nosso discurso. Nossa linguagem deve estabelecer uma articulação, um imbricamento de conceitos, de tal maneira que possa surgir uma organização do texto, onde se manifestem as peculiaridades dos procedimentos que vêm de nossa parte, para apanhar o objeto.

O movimento de especulação é a importante característica da maneira como trabalha a hermenêutica com o método. Ele se distingue certamente de todas as pretensões lógico-analíticas. Com relação à questão da especulação existem traços importantes que são projetados até na própria elaboração do texto. Isso significa que muitas vezes os textos das Ciências Humanas são muito mais ensaios do que propriamente teses. Método e não-método se misturam criativamente em textos de ciências humanas. Fazemos isso para poder expressar a complexidade dos fatos sociais, dos acontecimentos históricos, dos casos, na psicanálise.

**Palavras-chaves:** hermenêutica, pesquisa, investigação interpretativa.

## **BIBLIOGRAFIA:**

BLEICHER, Josef. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: ed.70, 1992.

FRANCO, Sérgio de Gouveia. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- HABERMAS, Jürgen. *Dialética e Hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. (Vol. I e II) Petrópolis: Vozes, 1992.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: ed. 70, s.d.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão cativa. As ilusões da consciência: de Platão a Freud*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O conflito das Interpretações*. Ensaaios de Hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A crítica e a convicção*. Lisboa: ed. 70, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.